

GRAPIUNIDADES

Fragmentos postais de um pedaço da Bahia



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Vice-Reitora

DIRETORA DA EDITUS

Maria Luiza Nora

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro Antônio Roberto da Paixão Ribeiro Fernando Rios do Nascimento

> Jaênes Miranda Alves Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra Marcelo Schramn Mielke

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira Lourival Pereira Júnior

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

Tica Simões Organizadora

George Pellegrini
Artista Gráfico

GRAPIUNIDADES

Fragmentos postais de um pedaço da Bahia

Aline de Caldas Costa • George Pellegrini Gisane Santana • Juliana Santos Menezes Mari Guimarães Sousa • Mércia Ribeiro Cruz Otávio Filho • Saul Mendez Filho

Ilhéus, Bahia



2011

©2011 by Tica Simões ticasimoes@culturaturismo.com.br

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126

http://www.uesc.br/editora e-mail: editus@uesc.br

REVISÃO Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G769 Grapiunidades : fragmentos postais de um pedaço da Bahia /

Tica Simões, organizadora, George Pellegrini, artista gráfico.

- Ilhéus : Editus, 2011.

217p.:il.

Bibliografia : p. 215-217. ISBN 978-8574-55-215-6

1.Bahia (Região cacaueira) – Descrições e viagens. 2. Cultura (costumes) – Fotografias – Bahia (Região cacaueira). 3. Bahia (Região cacaueira) – Obras ilustradas. I. Simões, Tica. II Pellegrini, George.

CDD - 778.998142







E, de repente, o avião se desviou da rota para o sul, e a cidade apareceu ante os olhos do viajante. Jorge Amado.

> Para cantar uma cidade não basta marcá-la em infenso mapa. Jorge Araujo

O olhar do viajante acrescenta a paisagem. Ladislau Netto.

Eu queria ficar na tua memória, não sei bem como, não sei porque, mas queria ficar. Ficar assim, numa presença indefinida, como o aroma de uma rosa... Valdelice Pinheiro.

O passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado. Ítalo Calvino

Sumario



Contribuições étnicas na gastronomia sulbaiana Mércia Ribeiro Cruz

Apresentação



Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Saul E. Mendez Sanchez Filho

Imagens, expressões e memória - perspectivas sulbaianas Tica Simões



Artesanato grapiúna - saberes identitários Aline de Caldas Costa



Festas
- manifestações populares
Juliana Santos Meneses

Imaginário das águas - a Lagoa Encantada Mari Guimarães Souza





Pistas imagéticas rumo a uma identidade regional Otávio Filho

Em busca da "terceira paisagem" George Pellegrini



Referências

Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural Gisane Santana



Apresentação

ste livro-de-postais resulta de ações integradas do projeto Expressões Culturais, Literatura e Turismo - ECULT, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais ICER/DLA, da Universidade Estadual de Santa Cruz. situada em Ilhéus - Bahia, www.uesc.br/icer

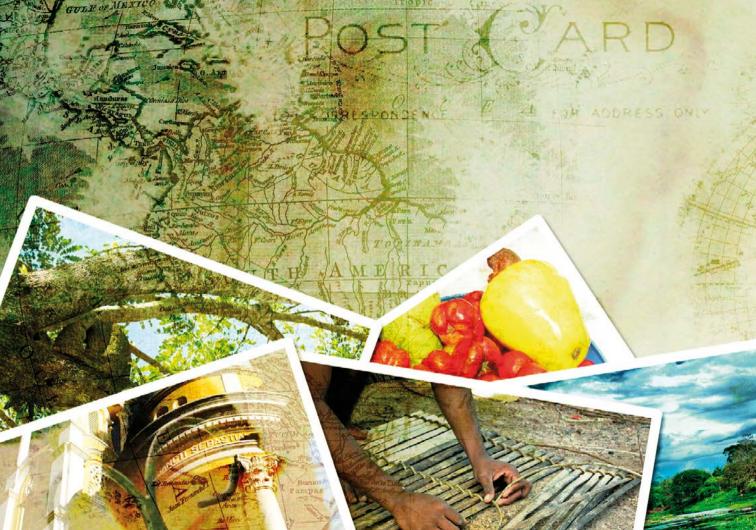
Sob a ótica da relação entre literatura, expressões regionais e turismo, o ICER vem realizando estudos sobre a identidade cultural sulbaiana, com desdobramentos que ensejam o turismo sustentável.

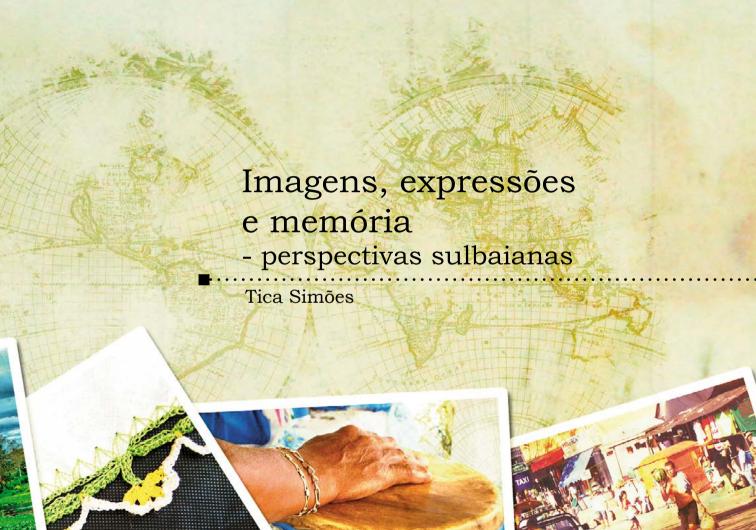
A cultura é focada sob a ótica da inclusão, pretendendo acenar com a efetiva multiplicidade de sujeitos históricos em suas categorias de hibridismo. As pesquisas buscam posturas éticas e princípios de sustentabilidade.

Registramos aqui o nosso agradecimento a todos os artistas e artesãos que contribuiram para este livro, partilhando conosco os seus saberes e valores culturais.

Agradecemos o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior - CAPES e do Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq.

Tica Simões





Imagens, expressões e memória

- perspectivas sulbaianas

Tica Simões

De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas. (Ítalo Calvino, Cidades invisíveis)

ão muitas as respostas que o território Litoral Sul do Estado da Bahia dá ao grupo que realiza as séries de postais deste Grapiunidades - fragmentos postais de um pedaço da Bahia. No entanto, para aqui apresentar algumas referências culturais das muitas identificadas, escolhemos aquelas perspectivas que mais nos revelaram imagens, expressões e memórias de Ilhéus e Itabuna, os dois mais destacados municípios desse Território de Identidade do Estado da Bahia.

Situado na Mata Atlântica remanescente da Costa do Cacau, esse local grapiúna apresenta singularidades que o fazem especial. Mais do que um espaço geográfico, esse território, antes de tudo, se constrói de uma relação que envolve apropriação, domínio, identificação, pertencimento, demarcação; é expressão simbólica de uma cultura, enriquecida pelas várias etnias que aqui se hibridizaram: indígena, branca e negra; depois, acrescentadas, dentre outras, pela cultura sírio-libanesa.

Múltiplos olhares, as várias ações da pesquisa sobre cultura, literatura e turismo buscaram o mesmo objetivo geral: a valorização das expressões da territorialidade sulbajana e a discussão sobre a sua identificação. De forma convergente, as pesquisas recolheram, analisaram, interpretaram bens da cultura local, visando a sua sustentabilidade e o desenvolvimento da comunidade através do turismo.

O trabalho tomou, como princípio de fundamentação, o eixo teórico norteador do projeto Expressões Culturais, Literatura e Turismo - ECULT, que considera: território, transcendendo a sua dimensão concreta, enquanto campo de forças, rede de relações sociais que se projetam no espaço; territorialidade como sistema de comportamento entre um individuo

ou grupo social e seu meio de referência (ALBAGLI, 2004; RIBAS et al. 2004); as questões de nomadismo e errância, relacionadas à viagem e ao olhar do viajante (MAFFESOLLI, 2001; SIMÕES, 2009; CARDOSO, 2002); a dinâmica das identidades/identificação (Hall, 2000, 2005); o hibridismo, fruto das várias etnias que contribuíram para a cultura local (CAN-CLINI, 2000); o entendimento da cultura como construção simbólica (GEERTZ, 1989) e como recurso (YUDICE, 2004); a preocupação com o desenvolvimento sustentável (OMT, 2001; MOESCH, 2000, SIMÔES, 2006); e, finalmente, entende que a inclusão social se viabiliza pela realização de ações voltadas para o fortalecimento de vínculos de solidariedade com

a comunidade local (HEIDRICH, 2004). A esse suporte, os olhares sobre cada foco acrescentaram, respectivamente, condutas teóricas necessárias à cada ação.

Lançando mão da linguagem fotográfica e da infografia, este suporte da memória em forma de livro-objeto tem o propósito de dar visibilidade a algumas "grapiunidades", identificações do território Litoral Sul, através da leveza da imagem, do simbolismo das expressões culturais, da memória do seu patrimônio aqui apresentadas, em postais, através de oito perspectivas, dentre as pesquisadas: Artesanato grapiúna - saberes identitários; Contribuições étnicas na gastronomia sulbaiana; Etnias e interação social - a feira do Malhado; Festas - manifestações populares; Imaginário das águas - a Lagoa Encantada; Pistas imagéticas rumo a uma identidade regional; Em busca da "terceira paisagem"; Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural.

O livro é, assim, estruturado em séries temáticas, fragmentos que se somam, buscando uma mostra das imagens, expressões e memórias sulbaianas. São olhares, miradas, focos que a sensibilidade de cada pesquisador captou a partir do respectivo tema pesquisado.

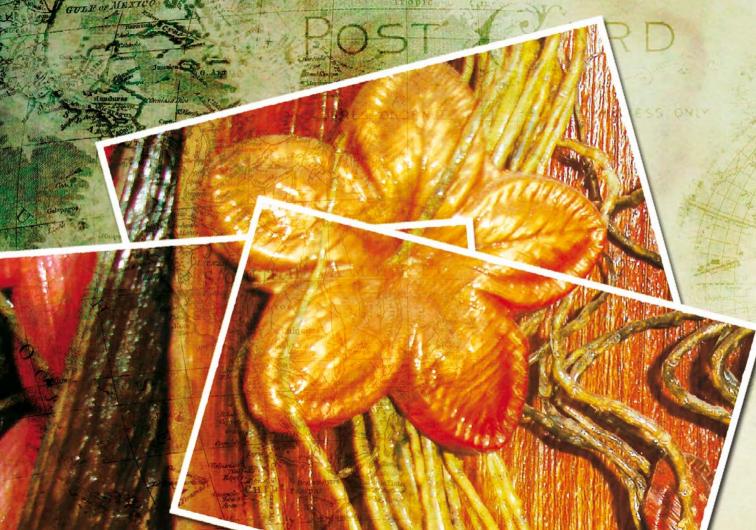
Buscando, por vezes, efeitos variados nas fotografias e infografias apresentadas, os textos que antecedem cada série temática são explicativos das suas proposições e técnicas. Ao tempo em que apresentam imagens e efeitos do patrimônio local, os

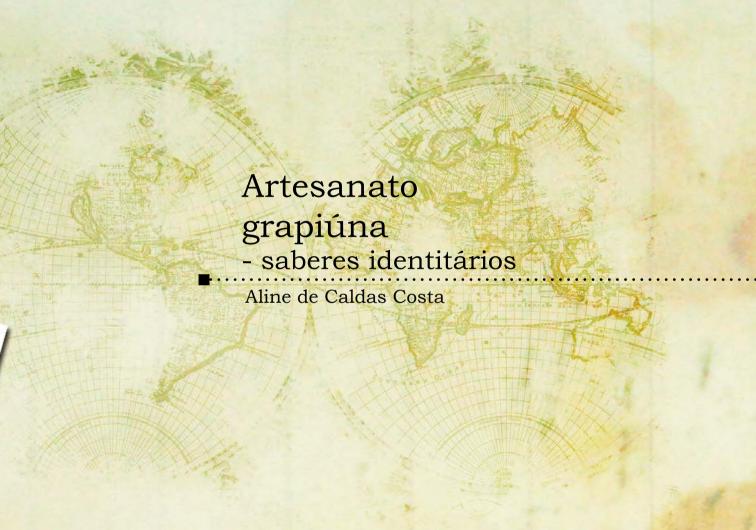
tecidos fotográficos e infográficos, buscando potencializar o estético, pretendem, ainda, contribuir com um turismo sustentável, valorizador do patrimônio local.

Naturalmente, o potencial grapiúna não se esgota nos postais oferecidos por este livro. Lembrando a epígrafe de Ítalo Calvino que abre este texto, ressalto que aqui apresentamos somente as respostas que encontramos para as nossas perguntas. Perspectivas. Mas, certamente, há mais "setenta e sete maravilhas" a serem desvendadas.

Este é o desafio que fazemos a você, leitor. Torne-se turista e venha fazer outras descobertas.

Ah, e envie, àqueles a quem você tem apreço, os postais que este livro-objeto lhe oferece.





Artesanato grapiúna

- saberes identitários

Aline de Caldas

rapiúna, segundo o Dicionareco das roças de cacau e arredores (NETO, 1997), é todo sujeito que nasce na região cacaueira do sul da Bahia. A pesquisa, que resultou nos postais apresentados nesta série, faz interface com a extensão, numa abordagem à luz da Economia Criativa.

Entendendo a cultura como campo transformador de realidades locais e eixo articulador de vários campos da cadeia produtiva, a Economia Criativa propõe a elaboração de ações integradas entre diferentes organismos e pastas públicas, subsidiando a criação coletiva de caminhos para o desenvolvimento local, destacando o caráter simbólico dos

bens em questão, o papel dos direitos autorais, o ciclo da economia da cultura e a importância do diálogo intercultural através do turismo (REIS, 2007; MIGUEZ, 2007; YÚDICE, 2004; COSTA, 2008). Com base nesse olhar teórico, o objetivo desta série é registrar e divulgar a produção que se concentra no Shopping do Artesanato Grapiúna, em Itabuna, valorizando seu patrimônio cultural imaterial, bem como os artesãos que acreditam no potencial turístico da cidade.

Os postais, que vocês vão conferir em seguida, apresentam bens culturais artesanais de referência identitária para a região, selecionados entre os anos de 2008 e 2009, com a parceria e a necessária legitimação social do então dirigente da AIART, Rubens de Jesus e, da então gerente do Shopping do Artesanato Grapiúna, Márcia Leal.

Esse registro do artesanato grapiúna é uma ação de reconhecimento da variedade de referências simbólicas que compõem o arcabouço cultural regional, com caráter de representação social de uma história, de sujeitos, de ícones e arquétipos que constituem o contexto de uma realidade complexa. Fica destacado aqui o contexto da diversidade cultural (BAR-ROS, 2008) para a qual se quer chamar a atenção e alertar para a necessidade de proteger e promover expressões variadas, reconhecendo a cultura como patrimônio, no âmbito de uma sociedade plural.

















Trama com tecidos Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas























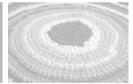
















Berimbau e caxixis Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas







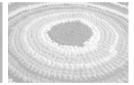
















Montagem 3D Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas





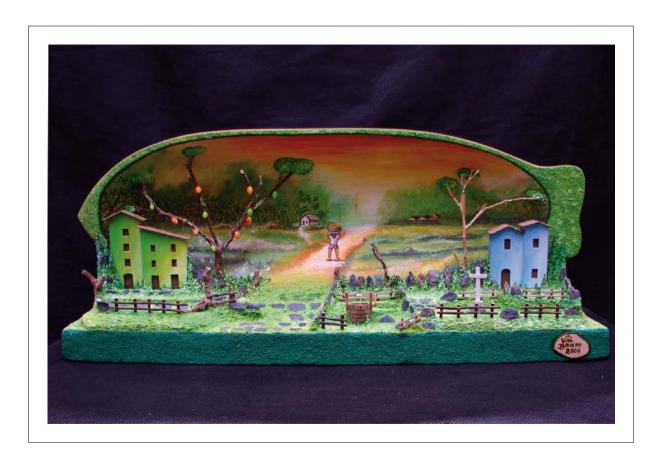






























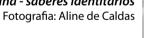








Cerâmica Artesanato grapiúna - saberes identitários













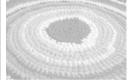










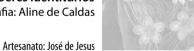






Fibras naturais Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas













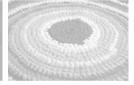
















Fios Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas





















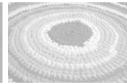
















Lapidação em vidro Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas









































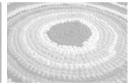
















Bonecas de pano Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas

















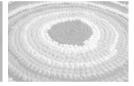
















Aproveitamento de bucha vegetal e materiais diversos

Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas Artesanato: Ana Cristina











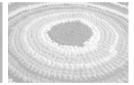
















Reciclagem de flora Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas

















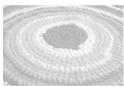


























































Conchas II Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas





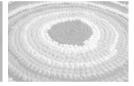
















Estatuetas "Souza e sua gente" Artesanato grapiúna - saberes identitários Fotografia: Aline de Caldas









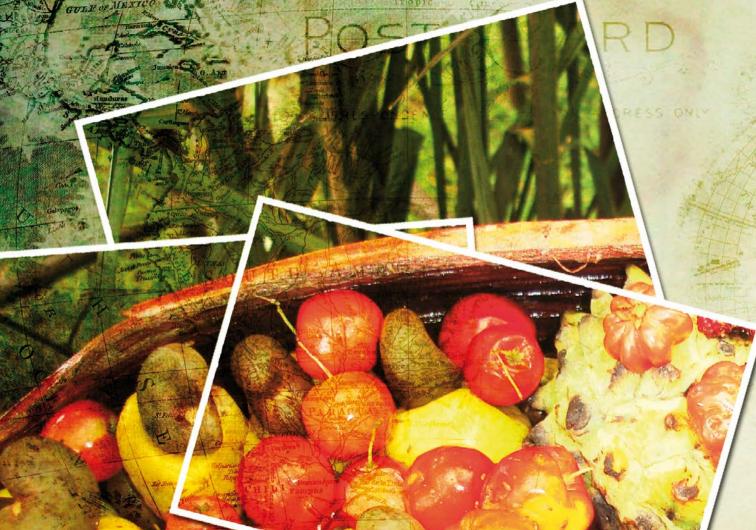


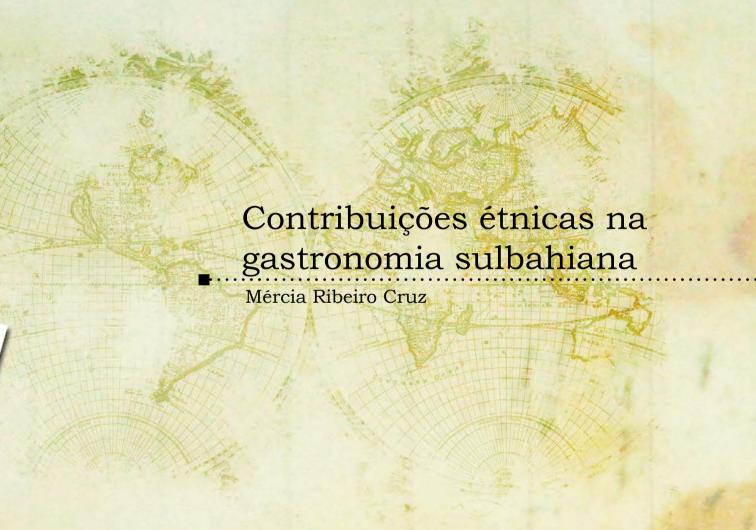












Contribuições étnicas na gastronomia sulbaiana

Mércia Ribeiro Cruz

gastronomia sulbaiana tem a contribuição das várias etnias que habitaram a região. Indígenas, brancos, negros, árabes deixaram herança gastronômica, em saberes e sabores, marcas da sua cozinha.

Tais saberes integram a sociedade nos tempos atuais e aparecem nas iguarias servidas à base de frutas regionais, raízes e especiarias, utilizadas em doces, sorvetes e molhos que acompanham outros pratos; são saberes reconfigurados em sua tradição, sinalizadores de pertencimento e identidades.

Beijus, farinha de mandioca e farinhas de goma, tapioca e puba, elaboradas a princípio pelos índios, são, posteriormente, ingredientes de bolos e doces na cozinha contemporânea; o uso de folhas para cozinhar e assar peixes, são

alguns dos saberes indígenas que marcaram a nossa cozinha no tempo/espaço.

Comidas com dendê imediatamente trazem à mente a imagem do acarajé e seus acompanhamentos, o vatapá, os camarões, as saladas. O abará, feito da massa igual à do acarajé, é cozido na folha e vendido nos tabuleiros das baianas. Os alimentos assimilados pela cultura africana são traços dessa etnia que, ressignificados, vivem nos cardápios da Bahia.

O uso do milho em bolo, canjica e pudins é exemplo de um ingrediente, da cultura indígena, absorvido pelos portugueses; e pelos africanos, no uso de papas, angus e mungunzás, "acontecimento que resultou num produto da convergência e fusão das culinárias indígena, africana e portuguesa" (CASCUDO, 2007, p. 111).

A contribuição do branco na culinária local se deu também com o uso das comidas com caldo e da utilização de hortaliças, legumes e ingredientes como o azeite de oliva, peixes salgados e no uso do açúcar nas receitas que foram

misturadas aos ingredientes da culinária sulbaiana, resultando singularidade no modo de fazer, morar e cozinhar.

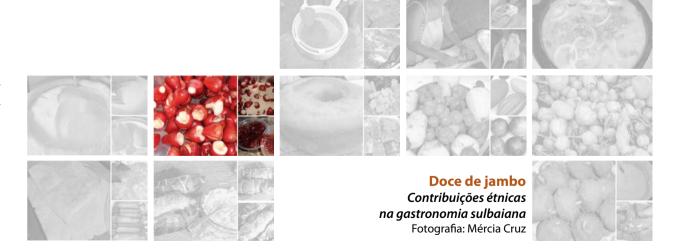
Cada uma dessas expressões sinalizam simbolismos; "constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural" (CERTEAU, 2008, p.41).

A gastronomia sulbaiana está viva no cotidiano das feiras com seus beijus, tapiocas, farinhas e bolos, feitos com produtos da terra; nos licores artesanais, nas frutas regionais; no modo de fazer que transforma o alimento em comida e faz de uma iguaria regional ou local, uma comida especial, diferenciando-a das de outras regiões.

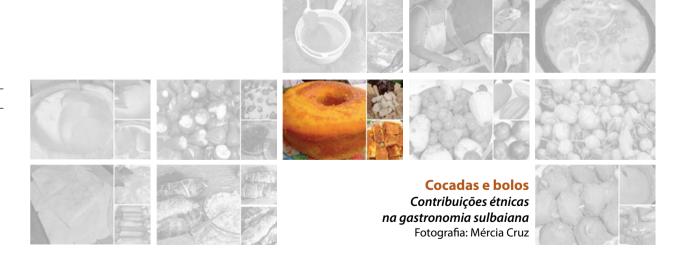
É assim que, nos postais desta série gastronomia, temos a marca de alimentos culturalizados, ou seja, alimentos representativos da voz social, da memória coletiva e individual e de identidades gastronômicas do território Litoral Sul, da Bahia.



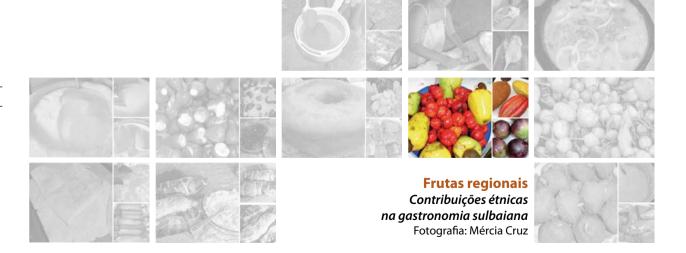




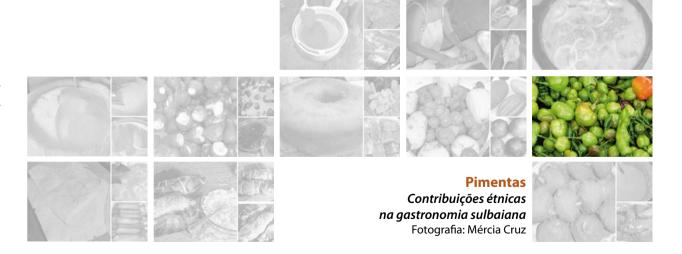




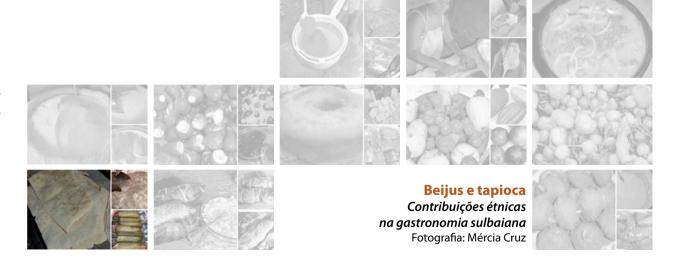




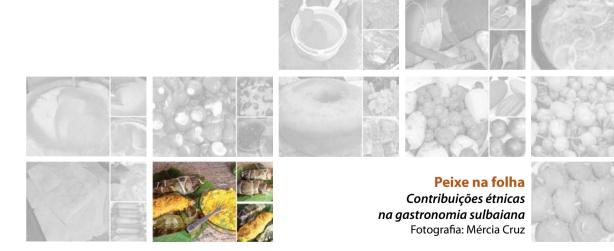




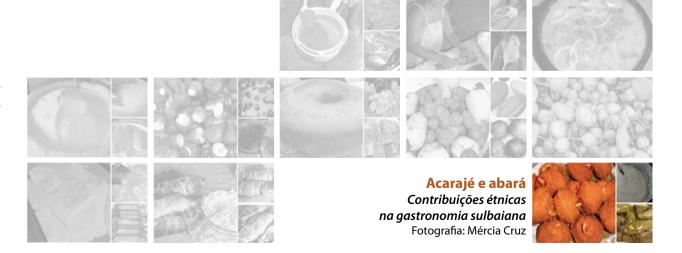




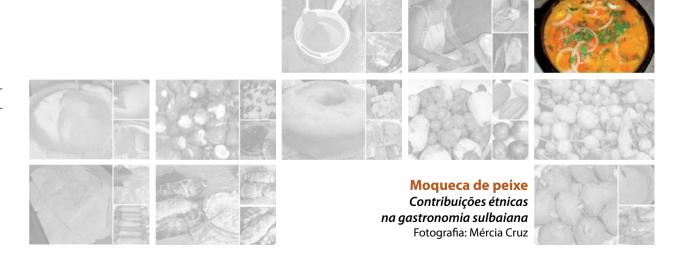
GRAPIUNIDADES:





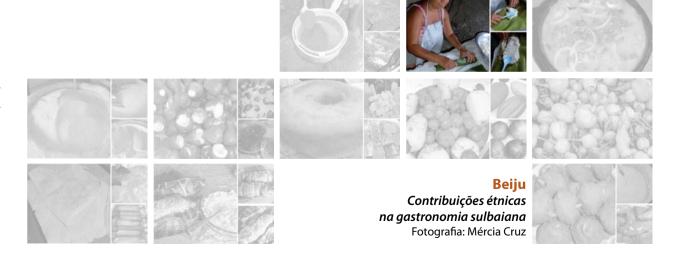




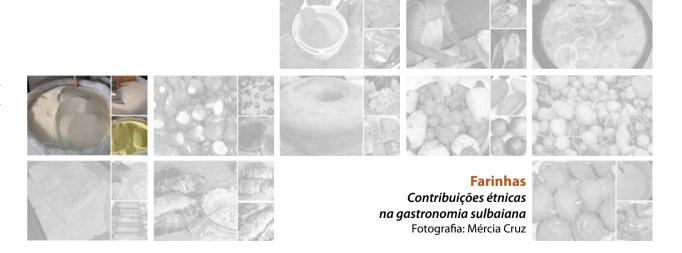


GRAPIUNIDADES:















Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus

Saul E. Mendez Sanchez Filho

cultura, segundo Clifford Geertz (1989), ainda que transposta à realidade de uma forma física, nasce primordialmente da interação social de um povo com o ambiente que o circunda. Da interação, partem também delimitações fronteiriças, reconhecidas nas pesquisas de etnicidade como a base para o conceito de etnia - visto que não existe etnia sem diferença, nem o reconhecimento da diferença senão em ambientes permeados pela multiplicidade.

Sabe-se que hoje o conceito de etnia se expande além da questão da raça ou da religião. Essa conceituação se observa múltipla, e confere-se uma perspectiva muito mais subjetiva do que objetiva à etnia: portanto, além da hereditariedade ou do tradicionalismo, é também uma questão de "pertencimento". Os processos étnicos ocorrem, assim, a partir de uma delimitação fronteiriça entre "membros e outsiders". Isso tem base na interação social necessária dentro de um estado econômico muito mais amplo que requer o contato com a diferença (POUTIGNAT e STREIFF--FENART, 1997).

A interação social é, também, um conceito presente na realidade da Web 2.0 - e, em verdade, trata-se de um dos alicerces da conceituação do termo, conforme abordado por Tim O'Reilly (2007). Com semelhancas quanto à pluralidade de vozes e concentração em uma única estrutura, a feira do Malhado representa um modelo do processo social que ocorre no ambiente virtual. Este ambiente desenvolvido na Internet é um meio para o reconhecimento das etnias locais, uma forma de observar a alteridade e perceber nela as possíveis implicações negativas de uma interpretação patrimonial desconexa da multiplicidade presente no município de Ilhéus.

Enquanto a interpretação patrimonial oficialmente abordada pelo turismo parte de aspectos centrais para chegar à diversidade, a feira compõe um centro para onde vem a convergir toda a criatividade proveniente do periférico; é, assim, o extremo oposto que, por sua vez, atrai, através de cores, formas, figuras; por meio de sua vida, em um crescimento palpitante, tal qual um organismo

biológico composto da "cauda longa" (AN-DERSON, 2006) dos distritos e bairros menos priviliegiados da cidade.

Essas questões referem-se diretamente à escolha da feira do Malhado como cenário para uma representação fotográfica que evidencia a multiplicidade das gentes do local. A feira é, ao mesmo tempo, uma representação "micro" do estado econômico moderno, conforme ressaltado pelas teorias da etnicidade. Ela aglomera, nos finais de semana, as mais diversas etnias presentes no município e em seus distritos, como Japu, São José, Itariri, Cachoeira, Rio do Engenho, Banco do Pedro, Lagoa Encantada, Salobrinho etc. A intenção é, com as fotos, captar o *feeling* presente no local através da lente da câmera, com o foco no movimento de pessoas, e na organização intrínseca que compõe o processo de interação social.

As cores, aplicadas na pós-produção, dialogam com estéticas "retrô" de negativos Fuji dos anos 70/80, acompanhando o clima presente no cenário composto pela feira em sua pluralidade.





Seção de frutas e verduras - tenda de bananas Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez



















Seção de frutas e verduras - encontro de gerações Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez







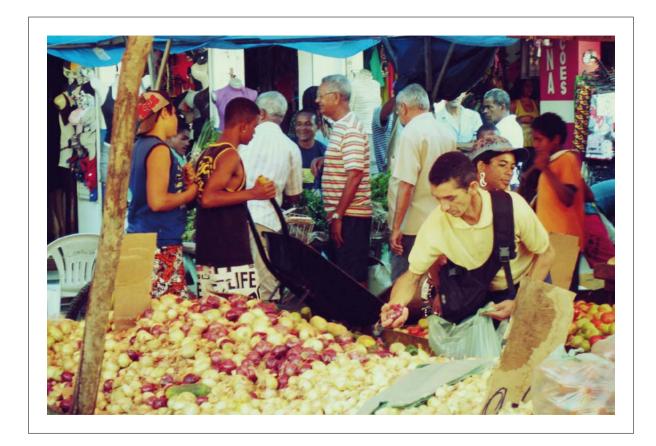
















À espera do transporte, com sacas de grãos e cestos com frutos da terra

Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez























Entrada da feira - pessoas e seus carregamentos Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez



















Transporte de produtos - modelo alternativo de carriola Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus

Fotografia: Saul Mendez

























Bicicletas comumente utilizadas pelos comerciantes para sua locomoção Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus

Fotografia: Saul Mendez





















Carro de frete transportando produtos Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez





















Barganha na compra e venda de aves Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez



















Vendedor transportando cana-de-açúcar Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus Fotografia: Saul Mendez



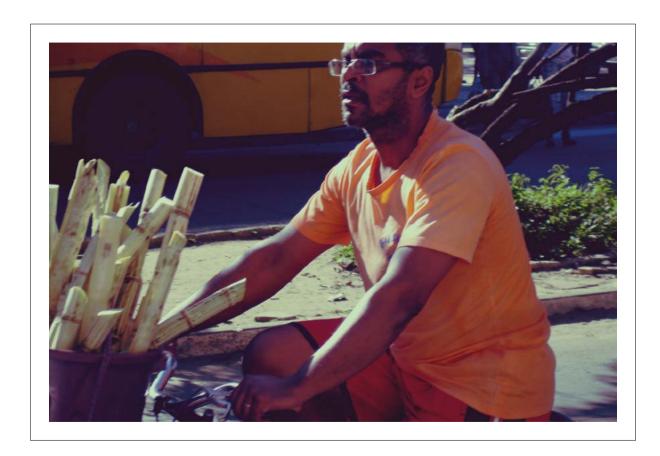
















Moradores da zona rural à espera do transporte coletivo (detalhe)

Etnias e interação social - a feira do Malhado, Ilhéus

Fotografia: Saul Mendez





















Festas - manifestações

Juliana Santos Menezes

s manifestações populares, formas de expressão de um povo, constituem movimento de determinada cultura e são representativas da voz social; uma forma subjetiva que um grupo de pessoas encontra para expor seu interior, expressar o que pensa, o que deseja realizar ou modificar (CARVALHO, 2007). É assim que a sociedade homenageia, honra ou rememora símbolos ou acontecimentos com os quais se identifica.

Nesta série que se apresenta, as expressões referem-se à cultura ilheense, situada no Litoral Sul-baiano. Em festas religiosas ou profanas e comemorações diversas são observados o fazer artístico e as relações sociais que perpassam pela realização dessas manifestações. Observando e interpretando todas essas manifestações, torna-se possível descobrir os códigos e as regras que constroem o ensinar e o aprender da diversidade cultural e, consequentemente, a dinâmica da identidade local. Devido à confluência de diferentes culturas.

foram delineadas ricas manifestações culturais, como as festas em homenagem aos santos e as festas populares, nas quais elementos característicos das culturas indígena, africana e europeia são rememorados.

Nessa perspectiva, as práticas do passado chegam ao presente revelando características culturais que identificam o lugar por meio de um aparato de bens simbólicos. Conforme Trigueiro (2007, p.107), essas práticas chegam ao presente com apropriações culturais diversas e incorporações de novos valores simbólicos, construindo outras identidades

Em Ilhéus, as manifestações populares recebem contribuições de crenças nas quais se mesclam a tradição católica e a afrodescendente, que caracterizam a sua cultura e estão cada vez mais inseridas no contexto de produção e consumo de bens culturais locais e globais, tendo como um dos principais motivadores a fé, que, segundo Lody (2004), é festa. Festa que acontece na rua, na praça e no largo, palcos para a expressão da religiosidade que vem acompanhada de devoções, danças, rezas, comidas típicas e músicas. Essas festas ajudam a compreender o contexto híbrido no qual a tradição, na celebração coletiva, conquista novos adeptos, que constroem novos eventos e identidades, experimentam tradições, trazem as memórias católicas e africanas e atualizam o ser ilheense

Essas manifestações de fé, como a Festa de Iemanjá e a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Vitória, implicam a produção de vestimentas, música, comida, objetos específicos para a celebração cultural, levando brilho, som, cor e sabor para os participantes, reafirmando a fé e perpetuando suas tradições. De igual modo, os grupos de dança afro, como o Batukejêje, em Ilhéus, através da dança, vestimentas, penteados, maquiagem e do toque do repique, caixa e marcação rememoram e atualizam a cultura africana.

As manifestações populares são carregadas de simbologia, que são transmitidas ao longo dos anos e perpetuam valores por meio da repetição. O espaço festivo, assim, reproduz os rituais das gerações passadas, reforça as tradições, repete códigos comportamentais e cria novos códigos.































Procissão da Padroeira





















































Festas - manifestações populares Fotografia: Juliana Santos Menezes

Dança afro



































































Imaginário das águas - a Lagoa Encantada

Mari Guimarães Sousa

resci ouvindo minha mãe falar de uma certa "lagoa encantada" que à noite se transformava em mata fechada, onde se caçavam onças e outros bichos ferozes. A força desses testemunhos proporcionou uma curiosidade que se converteu em lugar e objeto de minhas pesquisas sobre o imaginário das águas, já que as suas águas me fascinaram antes mesmo de conhecê-las.

Localizada no distrito de Castelo Novo, a 34 km de Ilhéus, a Lagoa é um enorme espelho d'água de 6,4 km2 de extensão, com perímetro de 26.000 m e profundidade média de 15 m, conforme as marés e as cheias fluviais. Cercada pela Mata Atlântica remanescente e formada pelos rios Pipite e Caldeiras, dentre outros ribeirões, o seu entorno é constituído de antigas fazendas de cacau em meio à floresta ombrófila, cuja exuberância e riqueza em espécies vegetais e animais vem sofrendo com a devastação, provocando mudanças significativas nas paisagens físicas e culturais do lugar. Pequenas

ilhas flutuantes, constituídas principalmente por aningas (Montrichardia linifera), que se deslocam de uma margem à outra da Lagoa, vêm desaparecendo gradativamente. Tal fato interfere sobremaneira no imaginário local, pois muito dos mistérios da Lagoa estão diretamente associados às ilhas flutuantes. Atualmente, resta o Caboto, verdadeiro berçário de espécies da fauna aquática. Existem ainda belíssimas paisagens, grandes áreas de manguezais, corredeiras, cachoeiras e cascatas, como o Véu da Noiva e o Salto do Apepique.

Em virtude de suas peculiaridades naturais e culturais, a Lagoa Encantada tem suscitado, desde o período colonial, o interesse de inúmeros historiadores e cientistas. Em Tratado da Terra do Brasil (1570), Pero Magalhães de Gandavo registrou, com deslumbramento, a alta piscosidade da lagoa, destacando a presença de tubarões e de peixes-boi naquele período.

Fonte inesgotável de inspiração de seus moradores, a lagoa, que dá nome à APA, é o locus de mitos e lendas. Segundo Bachelard

(2002), a água dinamizada pela força imaginante contém o germe da criação poética. Nessa perspectiva, as águas, esse aquoso caleidoscópio material e imaginário, em sua infinita capacidade metamorfoseante, seja pela suas propriedades químico-físicas, seja no domínio do simbólico, constitui-se na principal causa material das narrativas de expressão oral contadas por seus moradores. Núcleo significativo do imaginário (ISER, 1996), a Lagoa é o cenário de inúmeras narrativas onde coabitam seres naturais e seres imaginários.

Esta série de postais almeja mostrar a beleza singular da Lagoa Encantada, ressaltando--se a ideia de lugar como produto das relações entre o homem e a natureza. Assim, as sereias, os negos d'água e as biatatás que supostamente moram embaixo da Pedra da Arigoa, que fica no centro da Lagoa, poderão sobreviver não apenas na memória de seus moradores mais antigos. Figuras míticas ressaltam o imaginário local e traduzem um cenário antropológico de riqueza singular.





























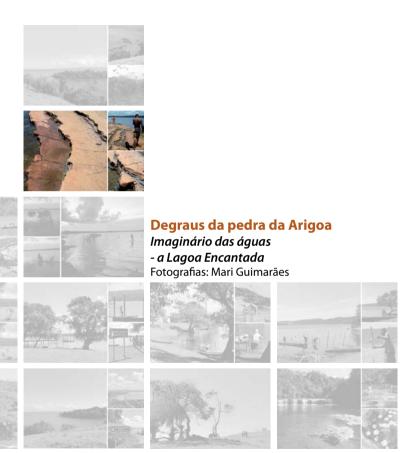






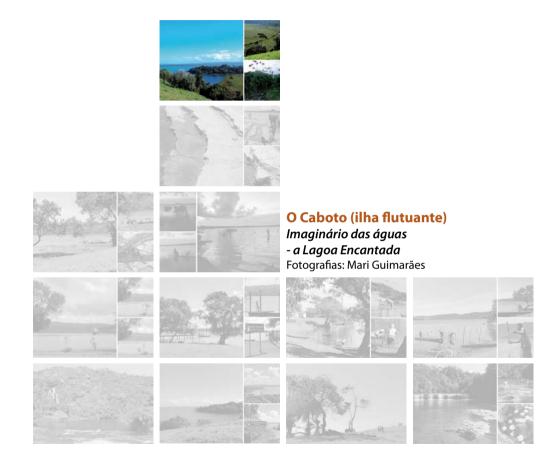




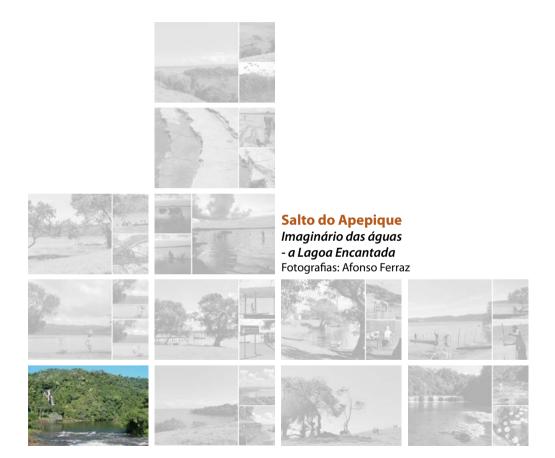














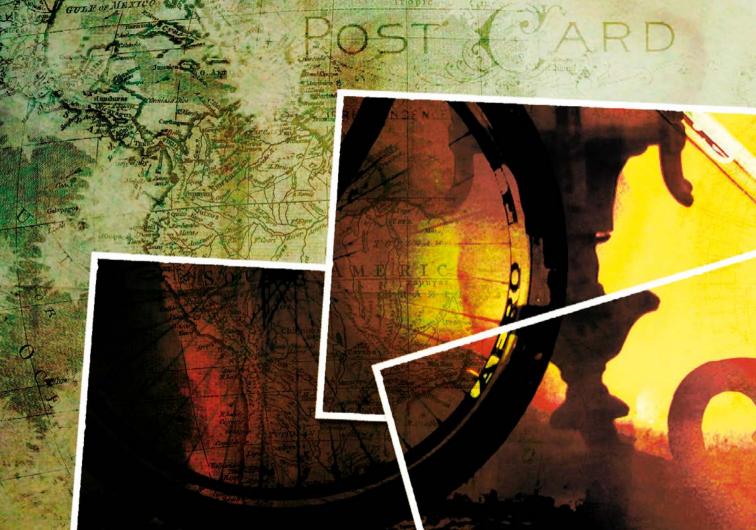


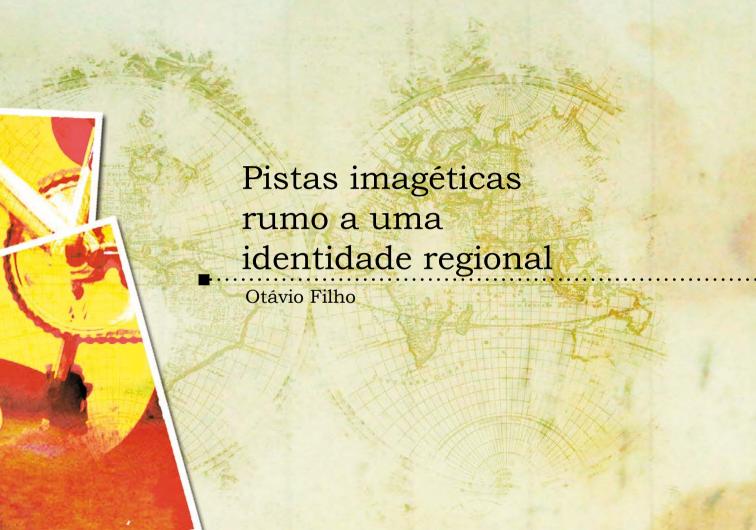












Pistas imagéticas rumo a uma identidade regional

Otávio Filho

pensamento visual é cercado de mistérios. Vivemos a era das máquinas com olhos espalhados por todos os lugares. Ainda assim, ver o mundo e comentá-lo com imagens não é uma tarefa banal. Quase todos os aparatos contemporâneos terão, muito brevemente, uma câmera embutida que permitirá uma vigilância total e permanente. Talvez por isso mesmo o trabalho de traduzir o que ela diz tornou-se uma tarefa e um desafio no dia a dia de todos nós.

Essas imagens, postais de Ilhéus, foram produzidas durante o processo de investigação sobre a existência de uma possível identidade regional e suas particulares características. O termo 'possível' indica, nesse caso, uma dúvida ainda não resolvida cujas imagens são pistas preciosas rumo a tal elucidação.

O filósofo Cornelius Castoriadis (2004, p. 45), refletindo sobre o eterno dilema da natureza do nosso saber, afirma:

> É isso que a história do nosso saber nos mostra e, também, que temos acesso aos diferen

tes estratos desse ser-ente total mediando o que se pode chamar de imaginação criadora dos indivíduos e de imaginário criador das sociedades que repousam, reinventam, recriam em certo sentido o que já está aí para poder pensá-lo. Isso anda junto com a ideia de que esses diferentes estratos do que é, para os quais temos necessidade de pôr, de inventar, de criar sempre novos esquemas para poder pensá-los, são eles próprios emergências, surgimento do ser ente total; que o ser é sempre a ser, ou é criação.

Esse "o que já está aí para poder pensá-lo" é, visualmente, o mundo das formas que a luz revela no cotidiano da existência. A bicicleta estacionada na praça do teatro é um elemento do mundo normal e, ao mesmo tempo, um "mundo mais além", quando sobre ele o olho do caminhante lhe destina um 'tempo' de contemplação e busca. Foi essa 'transfiguração', ou por essas transfigurações que as imagens selecionadas procuraram tangenciar os fugidios traços que definem uma possível identidade regional.

Essa busca pelos traços de uma identidade regional esteve permanentemente atenta às palavras do filósofo, lembrando:

Mais uma vez o poeta é um profeta, como dizia outro poeta. Essa é, em certo sentido, toda a história do saber humano: imaginar as coisas e depois demonstrá-las por puro raciocínio, por exemplo, e tornar pensável algo que não depende de nós, algo que é real, isto é, o real no sentido daquilo que resiste, que não pode ser dobrado à vontade dos nossos esquemas de pensamento. (idem)

A praça do teatro é também a praça da igreja e centro de um eixo excêntrico marcado pelos rostos anônimos que constituem uma cidade. Palimpsesto de histórias e imagens descoloridas que ressuscitam novas cores em cada nova palavra e em cada novo olhar.

Essas imagens foram produzidas nos ambientes digitais das novas tecnologias. Elas são infografias, imagens gravadas com números, sequência abstrata de zeros e uns que, sob o olhar do artista, não tendo outra técnica senão o seu corpo, transfigura, para além do número, a majestade analógica do olho produzindo o sentido do mundo.





















GRAPIUNIDADES:















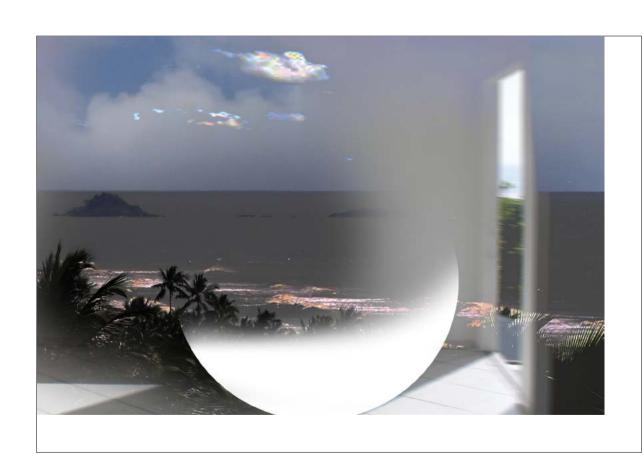
















































































Benedictus Pistas imagéticas rumo a uma identidade regional Infografia: Otávio Filho

GRAPIUNIDADES:







































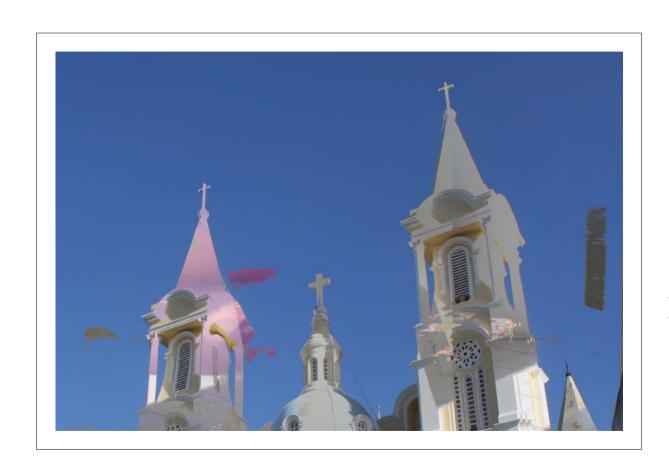






















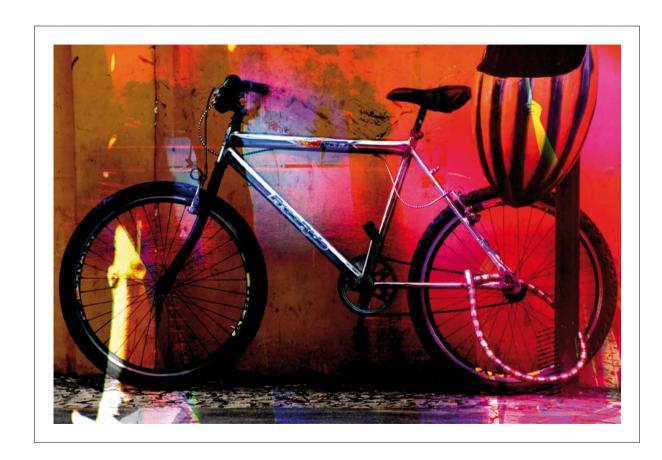
























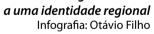








Bicicleta 2 Pistas imagéticas rumo



















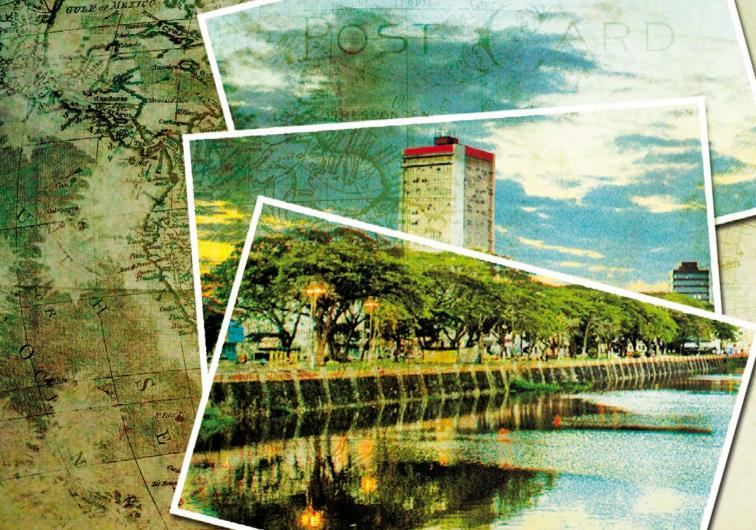














Em busca da "terceira paisagem"

George Pellegrini

s paisagens literárias sempre me fascinaram; desde as fantásticas, como as que se multiplicavam na África utópica de Tarzan, até as florestas ufanistas de José de Alencar. Embora muitas delas estejam em um nível de ficcionalização que as tornam impossíveis de contemplação visual, outras, por estarem localizadas em sítios geográficos concretos, são passíveis de constatação.

Duas paisagens me causaram particular experiência estética: o Pelourinho, descrito através do olhar dos capitães de areia amadianos, e as torres de Córdoba, vistas por um eu-poético lorquiano, amargurado e perseguido na Espanha franquista. Ambas as paisagens foram percebidas através da arte literária e, logo após, pela contemplação direta.

Obviamente, não são iguais. Do texto literário à linguagem fotográfica, ainda que nos esforcemos para fazer o mesmo enquadramento descrito na literatura, a paisagem da memória sempre vai estar modificada pelo imaginário do escritor. Também não são diferentes, porque seus traços e contornos estão ali, encaixando-se com as imagens da memória. No momento em que o fotógrafo contempla uma paisagem, ele faz os ajustes necessários unindo a paisagem da memória à paisagem observada, criando uma "terceira paisagem", muito mais subjetiva e complexa. Complexa porque, dependendo da distância de espaço e tempo entre a imagem apreendida da literatura e a imagem visualizada, se produzem outras escrituras sobre o terreno. A paisagem, como um palimpsesto, conserva, assim, vestígios de um texto anterior passível de recuperação, enquanto a realidade reescreve outro texto sobre os contornos do horizonte

A paisagem é um construto cultural (MA-DERUELO, 2005, p. 35): mais importante do que o objeto que se contempla, é o olhar de quem o contempla. Logo, o ato de ver é definitivo na apreensão da paisagem. Diferente do espaço, que é o ambiente que nos rodeia (SANTOS, 2006, p. 66), a paisagem, como ideia que representa o meio físico, é o outro. Para perceber a paisagem, precisamos sair dela. Por outro lado, é o observador quem cria a paisagem, quando a delimita com o olhar. Assim, a paisagem é, ao mesmo tempo,

omissão e criação do homem (GUILLÉN, 1992).

A literatura recorre ao imaginário para produzir o discurso ficcional (ISER, 1996), assim, a paisagem literária ganha, com os recursos discursivos, algumas "distorções" que não são observadas na paisagem "que se vê". Esse estranhamento, que o texto literário instaura, cria paisagens e espaços que, em sentido estrito, seriam diferentes dos espaços e paisagens "reais", como são os vales e as serras da literatura adoniana, com intensa carga dramática, ou a paisagem urbana dos contos de Ricardo Cruz, com uma aura de fantasia e surrealismo

Como a escritura, que utiliza os recursos discursivos para produzir paisagens literárias, as fotografias que integram este bloco são trabalhadas buscando um tom ficcional, por vezes; por outras, buscando um lirismo que transcenda a própria realidade da paisagem em si. É uma tentativa de produzir, através das alterações de profundidade, temperatura, sombras, claros e escuros, contrastes, abertura etc., esse estranhamento, essa desautomatização, essa "terceira paisagem" que transita entre o real e o imaginário.



Morro do Cuscuz Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini

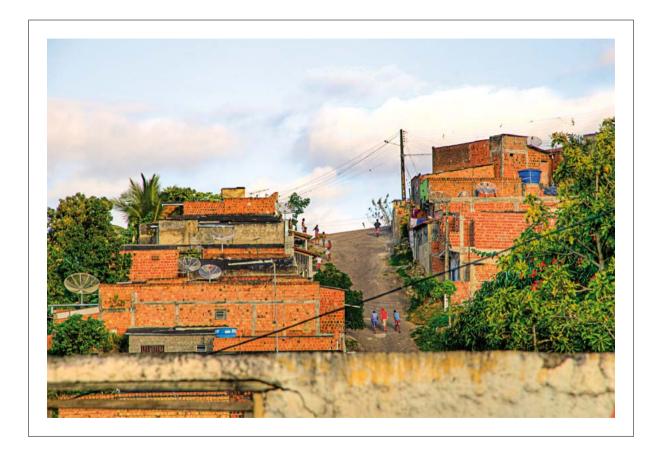














Desde a ponte do Conceição Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini





















Rio Cachoeira I Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini













Rio Cachoeira II Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini















GRAPIUNIDADES:





Enseada do Pontal Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini



















Rio com ilha e pontes Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini

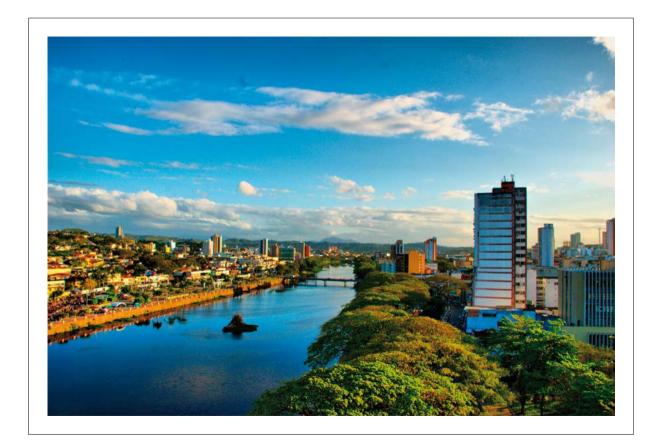








GRAPIUNIDADES:





Desde a ponte do Marabá I Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini

















Outeiro I Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini





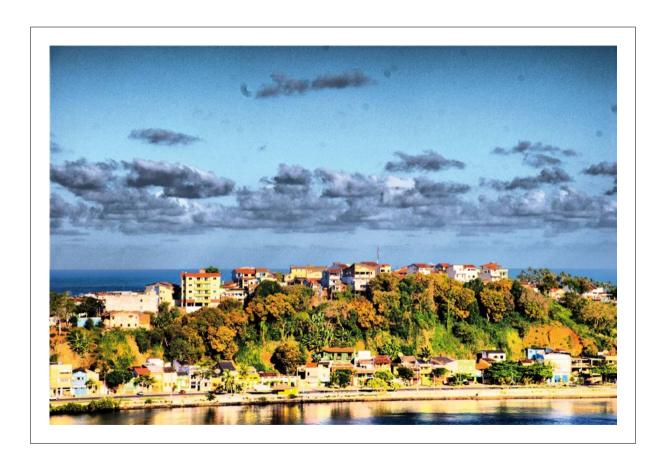












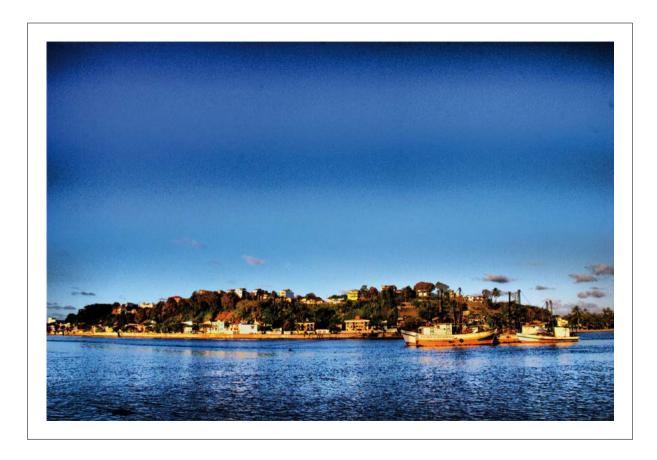


Outeiro II Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini











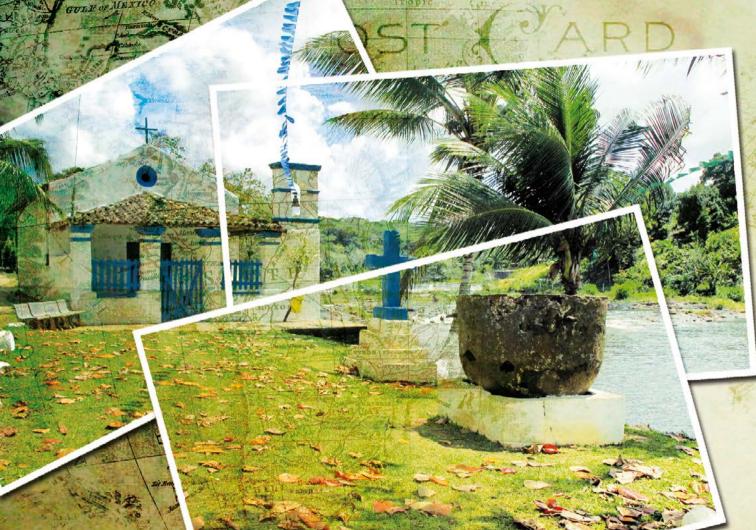
Desde a ponte do Marabá II Em busca da "terceira paisagem" Fotografia: George Pellegrini













Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural

Gisane Santana

Rio do Engenho é um distrito rural a cerca de 20 quilômetros a sudoeste da sede municipal de Ilhéus, onde começou o povoamento da então capitania hereditária de São Jorge dos Ilhéus. Às margens do rio Santana e ao pé de rica vegetação de Mata Atlântica, o vilarejo foi sesmaria doada a Mem de Sá. Nesse distrito. desenvolveu-se um dos primeiros engenhos de cana de acúcar do território brasileiro.

Esse passado histórico confere importância e singularidade ao Rio do Engenho, na herança cultural que se encontra na capela Nossa Senhora de Santana, tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, nas ruínas do engenho e no tacho de fazer o melaço da cana-de-açúcar.

Além desse patrimônio material, o distrito se destaca por sua riqueza imaterial: festa de Nossa Senhora Sant'Ana, gastronomia, artesanato, os saberes e fazeres cotidianos da comunidade. Desse modo, o patrimônio cultural e os recursos naturais são referências identitárias dessa comunidade

Esses bens patrimoniais integram as práticas culturais que se destacam nas manifestações da comunidade local por mediarem diferentes e memoráveis fatos históricos e por representarem heranças culturais, técnicas e estéticas de tempos passados.

Toda essa memória está presente no ambiente do Rio do Engenho e de seu entorno, onde pessoas simples e espontâneas buscam valorizar, como podem, a tradição de suas festas, saberes e sabores, buscando a sustentabilidade local.

A série de fotografias desse foco temático de postais é compreendida como propagadora da cultura de uma sociedade que guarda a memória do tempo e das mudanças. Nesse sentido, os bens provenientes do passado carregam traços culturais de seu tempo e são interpretados no presente, construindo espaço e ambientes diferentes

As fotografias que compõem essa seção são parte do acervo da exposição Rio do Engenho: festas, saberes e sabores, etapa anterior do projeto, que procurou identificar e valorizar as expressões culturais por meio dos saberes peculiares simbolizados nas comidas, celebrações e demais manifestações culturais. Tal ação desenvolveu-se no entendimento de cultura como recurso (YÚDICE, 2006), objetivando favorecer o turismo de modo sustentável e promover a inclusão cultural.

As demais imagens representam cenas da realidade cotidiana do Rio do Engenho e das localidades dos arredores. São perspectivas da natureza, fixadas pelo olhar, sensível ao que se considerou significativo, belo e de importância para a comunidade.











Torrefação de farinha Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural Fotografia: Anabel Mascarenhas

































Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural Fotografia: Gisane Santana















Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural Fotografia: Gisane Santana

















Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural



































Barcaça de cacau Rio do Engenho - um patrimônio natural e cultural



























Referências

AMADO, Jorge. Terras do sem fim. 94 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ANDERSON, Chris. A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: BRAGA; MORELLI; LAGES (org). Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Ignacy SACHS - Apresentação. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo, Ática, 1989.

ARAUJO, Jorge de Souza. Para Cantar uma Cidade. In: SIMÕES, MLN (org). Esteja a gosto – Viajando pela Costa do Cacau em literatura e fotografia. Ilhéus: Editus, 2007. p. 93.

BARROS, J. M. (Org.) **Diversidade cultural:** da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 2002. 202 p.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2000. 385 p. (Coleção Ensaios Latino-americanos 1).

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In YÁZIGI, E., CARLOS, A. F. A. E CRUZ, R. C. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** 2 ed. São Paulo: Hucitec,1999. pp. 25-37.

CASCUDO Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984

CASCUDO, L. da C. História da alimentação no Brasil. 3.ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. Sobre o 'Político' de Platão. Trad Luciana M. Pudenzi. São Paulo:

Loyola, 2004. Col. Leituras Filosóficas.

CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. "Manifestações culturais" In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções básicas de folkcomunicação.** Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org). **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 347 – 360.

CERTEAU, M de et al **A invenção do cotidiano.** 8a ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, A. de C. Artesanato e turismo em Itabuna (BA): dois estudos de caso à luz da Economia Criativa. Dissertação de mestrado em Cultura e Turismo/UESC, Ilhéus, 2008. Disponível em http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao_aline_caldas.pdf> Acesso em abril/2008

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUILLÉN, C. Paisaje y Literatura, o los fantasmas de la otredad. **Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**, p. 77-92, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz da Silva e Guacira Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SIL-VA, Tomaz (Org.). **Identidade e diferença**. 4a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. "Território, Integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social". In: RIBAS *et al.* (Orgs). 2004, p. 37-66.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário:** perspectivas de uma antropologia literária. Trad. de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

MADERUELO, J. **El paisaje: génesis de un concepto**. Madrid: Abada, 2005. 341 p.

MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. *In*: NUSSBAUMER, G. M. **Teorias e polí**-

ticas da cultura: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 95-113.

LODY, Raul. **Eparrei, Bárbara:** fé e festas de largo do São Salvador. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2004.

MOREIRAS, Alberto. A exaustão da diferença – a política dos estudos culturais latino-americanos. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MOESCH, Maruska. **A produção do saber turísti**co. São Paulo: Contexto, 2000

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NETO, Euclides. **Dicionareco das roças de cacau e arredores.** Ilhéus: Editus, 1997.

O'REILLY, Tim. What is Web 2.0. **Communications & Strategies**, No. 1, p. 17, First Quarter 2007.

NETTO, Ladislau. **Pelos caminhos da Europa**. Salvador: EPSAL, 1993.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Introdução ao Turismo. São Paulo: Rocco, 2001.

PINHEIRO, Valdelice. Eu queria... In: SIMÕES, MLN. **Expressão poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1997.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável:** o caleidoscópio da cultura. São Paulo: Manole. 2007.

RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs.). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004, p. 37-66.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMÕES, M. L. N. Identidade cultural e turismo:

Literatura, cultura e turismo. In: Camargo, Patrícia de; Cruz, Gustavo da. (Org.). TURISMO CULTURAL - estratégias, sustentabilidade e tendências. 1 ed. Ilhéus: Editus, 2009, v. 01, p. 19-59.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org). **Identidade cultural e expressões regionais – Literatura cultura e turismo.** Ilhéus: Editus, 2006.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.6, p. 177 – 183. Belo Horizonte: ABRALIC/ UFMG, 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira.. Festas P

populares. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções básicas de folkcomunicação.** Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Tradução de Marie-Anne Henriette; Jeanne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Lançando mão da linguagem fotográfica e da infografia, este suporte da memória em forma de livro-objeto tem o propósito de dar visibilidade a algumas "grapiunidades" – identificações do território Litoral Sul da Bahia. Através da leveza da imagem, do simbolismo das expressões culturais, da memória do seu patrimônio, aqui são apresentadas, em postais, oito perspectivas: artesanato grapiúna - saberes identitários; contribuições étnicas na gastronomia; etnias e interação social; festas manifestações populares; imaginário das águas: a Lagoa Encantada; pistas imagéticas rumo a uma identidade regional; em busca da "terceira paisagem"; Rio do Engenho: um patrimônio natural e cultural.



